

Observações sobre fraseamento prosódico e densidade tonal no Português de Moçambique

Some notes on prosodic phrasing and tonal density in Portuguese of Mozambique

Carolina Serra*

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Ingrid da Costa Oliveira**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: Este artigo traz uma investigação preliminar do fraseamento prosódico de frases declarativas neutras e sua densidade tonal, no português falado em Moçambique, África, no estilo de fala espontânea. Interessa, portanto, descrever as marcas melódicas das fronteiras de sintagma entoacional: os tipos de acentos tonais e de tons de fronteira, e a ocorrência de pausas silenciosas. A pesquisa faz uso do aporte teórico-metodológico da Fonologia Prosódica e da Fonologia Entoacional Autossegmental e Métrica; a análise acústico-experimental bem como a notação entoacional são realizadas no programa de análise de fala *Praat*. Os dados são provenientes da fala de uma mulher jovem, com ensino superior e falante do português como língua materna. Relativamente às características do fraseamento prosódico, os resultados até agora indicam que H+L*L% é o contorno melódico mais frequente em IPs finais (60%). Em IPs mediais, esse contorno ocorre em 35% dos dados, seguido pelo L+H*H%, com 25%. Um cruzamento entre o tipo de acento tonal inicial e o contorno nuclear mais frequentes - L+H*_H+L*L% - indicou que 32,5% dos IPs da amostra (80) eram produzidos com essa configuração melódica. A pausa esteve presente na fronteira de 68,3% dos IPs mediais (41/60 dados) e em 80% das de IPs finais (16/20 dados). No que diz respeito à densidade tonal, obtivemos um percentual de 43,2% (70/162) de presença de acento tonal incidindo sobre as tônicas de PWs em posição interna de IP, nos dados de fala espontânea da informante moçambicana.

Palavras-chave: Fraseamento prosódico. Densidade tonal. Português de Moçambique. Fonologia prosódica. Fonologia entoacional.

Abstract: This paper brings a preliminary investigation on the prosodic phrasing of neutral declarative phrases and its tonal density, in the Portuguese spoken in Mozambique, Africa, in spontaneous speech. It is, therefore, important to describe the melodic marks of the IP boundaries: the types of pitch accents and boundary tones, and the occurrence of silent pauses. The study makes use of the theoretical and methodological apparatus of the Prosodic Phonology and the Autossegmental Metrical Intonational Phonology; the acoustic-experimental

* Professora Adjunta, Departamento de Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; carolinaserra@letras.ufrj.br

** Doutoranda em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; oliver.ingrid@hotmail.com

analysis as well as the intonational notation are realized in the speech analysis software *Praat*. The data comes from the speech of a young woman, with a university degree, who is a native speaker of Portuguese. In relation to the aspects of the prosodic phrasing, the results found indicate that H+L*L% is the most frequent melodic contour in final IPs (60%). In non-final IPs, this contour occurs in 35% of the data, followed by L+H*H%, representing 25%. A matching between the most frequent initial pitch accent and nuclear contour – L+H*_H+L*L% -- indicated that 32,5% of IPs of the sample (80) were produced with this melodic pattern. The pause was present in 68,3% of the boundaries of non-final IPs (41/60 tokens) and in 80% of final IPs (16/20 tokens). Concerning the tonal density, we observed a percentage of 43,2% (70/162) of presence of pitch accents in the stressed syllables of the PWs in internal position of the IPs, in the spontaneous speech of the mozambican speaker.

Keywords: Prosodic phrasing. Tonal density. Portuguese of Mozambique. Prosodic phonology. Intonational phonology.

1 A PROPOSTA

À medida que vão emergindo as normas do Português faladas na África vão também se intensificando os estudos descritivos sobre essas variedades pelo interesse na investigação de como o português tem se expandido e que influências estaria recebendo de outras línguas. Em sua maioria, as pesquisas focalizam aspectos morfossintáticos, sintáticos e semântico-lexicais, mas no campo da Fonética e da Fonologia já há iniciativas de descrição, como as de Silveira (2013), Christofoletti (2013), Balduino, Bandeira e Freitas (2017), Balduino (2018), Bouchard (2017), Brandão et al. (2017), Nascimento (2018) – para o português de São Tomé e Príncipe; Carrasco (1988), Undolo (2014, 2016), Sassuco (2016) – para o português de Angola; Brandão e de Paula (2018), Brandão (aceito para publicação), para o português de Moçambique. Relativamente a aspectos de Prosódia/Entoação, até onde vai nosso conhecimento, os estudos se limitam aos de Santos e Silveira (2012) – para o português de São Tomé e Príncipe e de Angola, de Santos (2015) e Fernandes-Svartman et al. (a sair) – para o português da Guiné-Bissau, de Braga da Silva (2018) – para o português de São Tomé, e de Santos (em preparação) – para o português de Angola.

Este artigo avança, portanto, na investigação de aspectos da prosódia da variedade do português falada em Moçambique (doravante PM), no estilo de fala espontânea, como um ponto de partida para a compreensão da sua constituição fonológica no nível suprasegmental. Os dados de fala utilizados pertencem ao *Corpus Moçambique* do Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português* (UFRJ)¹, e o aporte teórico-metodológico é o da Fonologia Prosódica (Selkirk, 1984; Nespor e Vogel, 1986, 2007) e o da Fonologia Entoacional Autossegmental e Métrica (Beckman e Pierrehumbert, 1986; Ladd, 2008; Frota et al., 2015a, *i.a.*). Será realizada a análise acústico-experimental e a notação fonológica no programa computacional de análise de fala *Praat* (Boersma e Weenink, 2012-2017).

¹ Disponível em: www.concordancia.lettras.ufrj.br

Nosso objetivo mais geral é realizar a descrição e a análise do fraseamento prosódico de frases² declarativas neutras e da sua densidade tonal, apontando *tendências* no PM. Interessa, portanto, descrever as marcas melódicas das fronteiras prosódicas: os tipos de acentos tonais e de tons de fronteira e a ocorrência e duração de pausas silenciosas, e a densidade tonal das frases produzidas espontaneamente dessa variedade do português, ou seja, a ocorrência de eventos tonais por palavra prosódica/palavra portadora de acento lexical em um sintagma entoacional (IP).

Contribuímos, assim, para o conhecimento sobre a variação do fraseamento prosódico e da densidade tonal no português, na variedade africana de Moçambique, cotejando os resultados aqui alcançados com os de outras variedades e variantes do português descritas previamente (Frota e Vigário, 2000; Tenani, 2002; Fernandes, 2007; Serra 2009, 2010, 2016, para o português do Brasil; Frota, 2000; Frota e Vigário, 2000; Vigário, 2003; Vigário e Frota, 2003; Cruz, 2013; Barros, 2014, para o português de Portugal; Santos, 2015; Fernandes-Svartman et al., a sair, para o português de Guiné-Bissau; Braga da Silva (2018), para o português de São Tomé).

A seguir, na seção 2, apresentamos o perfil sociolinguístico de Moçambique; na seção 3, são apresentados os quadros teóricos que dão suporte ao estudo; em 4, detalhamos os materiais e os passos metodológicos adotados; em 5, são apresentados resultados do estudo piloto; em 6, esses resultados são discutidos em cotejo com os de outras variedades do português, e, em 7, fechamos o artigo com algumas considerações gerais.

2 UM POUCO SOBRE O PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DE MOÇAMBIQUE

Ainda que esta seja a única língua aceita oficial e institucionalmente em Moçambique, apenas uma minoria da população tem o português como língua materna no país: em Moçambique, apenas cerca de 10% dos habitantes têm o português como L1 e 42,9%, como L2 (Gonçalves, 2010, p. 28). Essa situação é um pouco diversa na capital Maputo (cf. Quadro 1, a seguir). De acordo com dados de recenseamentos (Censo, 2007; INE, 2010) e de estudos anteriores realizados sobre a variedade (Gonçalves, 2010; Ngunga, 2012; Gonçalves e Chimbutane, 2015), fica explícito que o português coexiste com uma grande diversidade de idiomas nacionais – línguas próprias de Moçambique e diferentes do Português, inclusive nas províncias de Maputo, capital do país (Pissurno, 2017).

Moçambique possui população média de 20 milhões de habitantes, tendo apenas a língua portuguesa como oficial, apesar de, em seu território, serem faladas diversas outras línguas – mais de 20 da família Bantu e cinco línguas asiáticas (Pissurno, 2017). Segundo o Censo 2007, as línguas recorrentes na cidade de Maputo (capital) são as que constam no Quadro 1, a seguir, sendo o Changana a mais utilizada, falada por 31,5% da população, índice inferior à porcentagem de habitantes que usam preferencialmente o português em Maputo.

² Optamos por utilizar aqui o termo ‘frase’, englobando tanto aquelas com verbo quanto as sem verbo na sintaxe de superfície. Essas frases podem ser mapeadas, em termos de constituintes prosódicos, em sintagmas entoacionais (IP) finais ou não-finais (v. seção 4).

Quadro 1 - Distribuição percentual da população de 5 ou mais anos de idade em Maputo, segundo sua língua materna (adaptado de Pissurno, 2017, p. 29)

<i>Língua Materna</i>	<i>% de falantes</i>
Português	42,9
Xichangana	31,5
Xirhonga	9,7
Cicopi/Cichopi	3,3
Xitshwa	3,5
Bitonga	2,8
Outras línguas moçambicanas	4,4
Outras línguas estrangeiras	1,3
Desconhecida	0,5

De acordo com Pissurno, ao longo dos anos que se passaram entre os censos de 1997 e 2007, aumentou substancialmente a formação de crianças – em especial nas cidades em que o português é a língua principal – o que influencia diretamente no aumento de falantes do português nas áreas urbanas de Moçambique. Os habitantes de áreas rurais, especialmente os com mais de 50 anos de idade, têm as línguas nacionais como maternas. Sendo assim, o português apresenta nessas regiões um status de língua estrangeira (LE), isto é, uma língua mais artificial, restrita ao ambiente escolar. Há, entretanto, falta de contato cotidiano da população rural com o português, língua de prestígio em Moçambique.

Em áreas urbanas, o que ocorre é a situação do português como segunda língua (L2). Os indivíduos não estão expostos ao português apenas na escola, como ocorre nas zonas rurais, mas são levados a utilizá-lo em outros ambientes. A educação formal ocorreu de forma massiva principalmente nas zonas urbanas do país e isso fez com que a população dessas regiões adotasse o português como língua básica de circulação social. Em Maputo, os habitantes têm contato intenso e constante com o português nos lugares que frequentam e já chegam à escola com conhecimento da língua. Isso nos leva a concluir – e os estudos e os registros vão nessa direção – que a grande maioria da população de Maputo é ao menos bilíngue, faz uso no cotidiano tanto do português como das línguas nacionais. Existem ainda algumas famílias que afirmam usar exclusivamente o português em casa e, nesses casos específicos, as crianças tendem a adquiri-lo como primeira língua (L1).

Estudos sociolinguísticos e números do INE (Instituto Nacional de Estatística de Moçambique) de 1997 apontam um percentual de 72,4% de indivíduos que sabem falar português nas zonas urbanas e apenas 25,4% nas zonas rurais. Enquanto isso, somente 17% da população residente em zonas urbanas tem o português como língua materna (L1) e 2% em zonas rurais.

Segundo Gonçalves (2010), Moçambique não era o foco dos portugueses no período da colonização e por isso a implementação de políticas educacionais que estabelecessem o português como língua institucional ocorreu de forma tardia,

apenas em 1930. Somente a população que naquela época tinha acesso à escola adquiriu o português como L2, enquanto os mais velhos e os residentes de áreas rurais seguiram utilizando apenas as línguas nacionais. Com a independência de Moçambique (1975), o português é definido como língua oficial e começa a receber novos valores, visto que é a língua de prestígio e que permite ascensão social. As línguas nacionais, por outro lado, se tornaram estigmatizadas e foram consideradas línguas tribais.

A partir dessas informações, podemos concluir que grande parte da população de Moçambique sabe falar a língua portuguesa, seja como LE ou L2, porém o número de falantes que tem o português como língua materna ainda é muito baixo. De forma geral, em zonas rurais, o português recebe status de língua estrangeira (LE), enquanto nas zonas urbanas, de segunda língua (L2).

Qualquer estudo, portanto, que seja feito sobre o PM não pode deixar de levar em conta o complexo quadro linguístico de Moçambique, tendo em vista a forte presença de contatos linguísticos que ocorreram e ocorrem desde o início da colonização do país, e o lugar do português nesse processo através do tempo. O presente estudo é um ponto de partida para a descrição de aspectos da entoação do português falado em Moçambique, variedade que não tem correspondência com nenhuma outra, como o português de São Tomé e, sobretudo, com o português do Brasil, todas produto de transplantação do PE para outras localidades, mas estas últimas de perfis muito mais estabelecidos em relação ao uso do português.

3 APORTES TEÓRICOS

Neste artigo, serão utilizados os pressupostos da Fonologia Prosódica (Selkirk, 1984, 1986; Nespor e Vogel, 1986, 2007) para a análise relativa à formação de fronteiras e domínios prosódicos. Para a análise da estrutura entoacional, faremos uso da abordagem Autossegmental e Métrica da Fonologia Entoacional, na linha do proposto por Pierrehumbert (1980) e Ladd (2008). A aplicação desses modelos teóricos tem sido realizada em diversos trabalhos sobre variedades do português, como os de Frota (2000), Tenani (2002, 2004), Fernandes (2007), Moraes (2006, 2008), Serra (2009, 2010, 2016), Vigário e Fernandes-Svartman (2010), Frota et al. (2015a), Santos (2015), Braga da Silva (2018), entre outros.

Como se sabe, para a Teoria da Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel, 1986, 2007), o contínuo de fala pode ser segmentado em constituintes hierarquicamente organizados. Embora esses constituintes prosódicos não coincidam, necessariamente, com os constituintes sintáticos, as fronteiras de sintagmas sintáticos, a ramificação sintática e a relação entre núcleos sintáticos e seus complementos são fatores a serem levados em conta no mapeamento de constituintes prosódicos (Selkirk, 1984; Truckenbrodt, 1999). Por outro lado, para a organização de alguns constituintes prosódicos, estão envolvidas regras puramente fonológicas e fatores como a velocidade da fala e o tamanho dos constituintes de uma sentença (em número de sílabas/palavras prosódicas) podem alterar a estrutura fonológica, independentemente da estrutura sintática. Cada constituinte prosódico funciona como o *locus* de aplicação/bloqueio de processos segmentais e de ocorrência de marcar melódicas as mais variadas (Nespor e Vogel, 1986, 2007; Frota, 2000; Tenani, 2004; Serra e Callou, 2015).

FLP20(esp)

Neste modelo, são postulados os seguintes domínios/constituintes hierarquicamente organizados: sílaba (σ) < pé métrico (Σ) < palavra prosódica (PW) < sintagma fonológico (PhP) < sintagma entoacional (IP) < enunciado fonológico (U). Os constituintes de níveis mais baixos (sílaba e pé) acessam apenas informações fonológicas para a sua constituição; a palavra fonológica acessa informações fonológicas e morfossintáticas; e os domínios superiores à palavra fonológica são constituídos a partir de informações fonológicas, sintáticas e até mesmo semânticas e pragmáticas.

Em função da sua importância para a observação da atribuição tonal, do fraseamento prosódico e da densidade tonal, levamos em conta a fronteira direita dos constituintes prosódicos PW, PhP e IP (medial e final dentro do U).

O algoritmo de formação da palavra prosódica prevê que esse constituinte tem um único acento lexical (um grupo de palavra prosódica tem um único elemento proeminente). Todo elemento com acento de palavra tem de estar incluído numa palavra prosódica (Vigário, 2003, 2007, 2010). Um sintagma fonológico deve ser formado por uma cabeça lexical (núcleos de sintagmas sintáticos cuja natureza é lexical e não funcional), todos os elementos do lado esquerdo dentro da projeção máxima dessa cabeça e ainda o seu complemento não ramificado, à direita, ou seja, que contenha apenas uma PW (Frota, 2000; Tenani, 2002). Dessa forma, atendendo às condições necessárias, um PhP deve ser constituído por mais do que uma palavra prosódica, formando um único PhP com um complemento não ramificado. Um sintagma entoacional deve conter toda sequência não estruturalmente anexada à oração raiz ou todas as sequências de PhPs em uma oração raiz (Nespor e Vogel, 2007[1996]). A formação de IP está sujeita a condições de tamanho prosódico: sintagmas longos (em número de sílabas e de palavras prosódicas) tendem a ser divididos, da mesma forma que sintagmas pequenos tendem a formar um único IP com um IP adjacente, o que leva à formação de sintagmas com tamanhos equilibrados (Frota, 2000; Serra, 2009, 2016). O agrupamento de IPs dá origem ao constituinte mais alto da árvore prosódica, o enunciado fonológico, que geralmente coincide também com o nó mais alto de uma árvore sintática (X^n).

O modelo da Fonologia Entoacional Autossegmental e Métrica (Modelo AM) prevê que a entoação deve ser analisada em níveis de altura tonal, determinando, pela relação entre esses níveis de altura, o que é parte da gramática entoacional das línguas naturais e o que faz parte da variabilidade de produção relativa a um mesmo padrão frásico. Dentro da perspectiva teórica do modelo AM, a entoação apresenta uma organização fonológica própria, ou seja, constitui um nível independente da fonologia segmental, embora interrelacionado à cadeia segmental. A entoação se relaciona, do ponto de vista físico, com o uso de traços fonéticos suprasegmentais como a frequência fundamental (F0), principalmente, a intensidade e a duração. Esses parâmetros melódicos são capazes de revelar informações intrínsecas aos enunciados, como o tipo frásico, o ato de fala, o foco ou a estrutura informacional.

De acordo com essa abordagem, os elementos contrastivos do sistema entoacional que representam os contornos melódicos são os tons. Os acentos tonais são compostos por dois níveis de tons primitivos (níveis de altura) – H = tom alto (*high tone*) e L = tom baixo (*low tone*) – e são responsáveis por formar uma sequência de unidades representadas foneticamente a partir do contorno da F0 (frequência fundamental). Para Ladd (2008[1996]), devido à grande variação, os níveis alto (H) e

baixo (L) não possuem relação direta com a realidade fonética dos enunciados; H e L devem ser consideradas abstrações fonológicas que não se realizarão sempre da mesma forma.

Em línguas como o português e o inglês, os eventos tonais de maior relevância na cadeia da F0 são os acentos tonais e os tons relacionados às fronteiras de constituintes prosódicos. Os acentos tonais têm como alvo as sílabas portadoras de acento lexical e são formalmente acompanhados por um asterisco (*). Por outro lado, os tons relacionados à fronteira estão associados às fronteiras de constituintes prosódicos e não a sílabas propriamente ditas. Existem dois tipos de tons relacionados à fronteira: (i) os chamados tons de fronteira, que estão associados aos limites de um Sintagma Entoacional (IP) e são formalmente indicados por um (°) depois do H ou L e (ii) os acentos frasais, associados aos limites de constituintes menores e indicados por (–) após H ou L. Os tons também podem vir acompanhados de (!) representando o processo de *downstep* – um tom H é relativamente mais baixo que o tom H anterior – ou de (j) representando o processo de *upstep* – um tom H relativamente mais alto do que o tom H anterior, por exemplo.

Como dissemos, esses dois modelos serão importantes neste estudo preliminar, pois auxiliam na observação das marcas melódicas relacionadas às fronteiras de IPs mediais e finais – inventário de eventos tonais mais frequentes e o papel da pausa no fraseamento prosódico – e a incidência de acentos tonais por PW em cada IP, apontando tendências também sobre a densidade tonal das frases neutras no PM; permitem ainda comparar os resultados obtidos com os de um conjunto de trabalhos que vêm sendo realizados sobre outras variedades do português.

FLP20(esp)

4 MATERIAIS E METODOLOGIA

As amostras de fala constitutivas do *Corpus Moçambique* do Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português* (UFRJ), coordenado pelas professoras Silvia Vieira (UFRJ/CNPq) e Silvia Brandão (UFRJ/CNPq), são de informantes representativos das variedades africanas, brasileira e europeia do português, sendo distribuídos por sexo, três faixas etárias (18-35 anos, 36-55 anos e 56 a 75 anos) e três níveis de escolaridade (fundamental: 5 a 8 anos; médio: 9 a 11 anos; superior). Para Moçambique, por exemplo, o estatuto do Português (L1 ou L2), bem como o grau de conhecimento/uso de outra(s) língua(s) falada(s) no país foi registrado no processo de gravação das entrevistas.

Para este estudo piloto, coletamos um conjunto de dados de fala espontânea, que já pode nos dar alguma ideia sobre os aspectos entoacionais investigados. Utilizamos a fala de uma informante jovem (33 anos) do sexo feminino³, nascida em Inhambane – cidade localizada na costa Sul de Moçambique – e residente em Maputo há 15 anos. A informante é falante do português como L1 e apenas compreende as línguas nacionais Xitsua, Xope, Changana, Rhonga e Bitonga, esta

³ Escolhemos essa informante por ela ser falante do português como L1 e também em razão da sua entrevista apresentar boas condições de gravação relativamente a outras. O fato de ser uma voz feminina facilita ainda a comparação entre o nosso estudo e outros empreendidos para outras variedades do português, que tomam como base, em sua maioria, a fala de mulheres.

sendo a L1 de seus pais, e possui ensino superior completo. O assunto da entrevista, que durou cerca de 35 minutos, girou em torno do cotidiano na cidade de Maputo, envolvendo o relato da informante sobre as qualidades e as precariedades da cidade, sobre o modo de vida em geral dos habitantes, os custos, os tipos e a qualidade dos meios de transporte, sobre suas atividades diárias e as relações familiares e profissionais.

Maputo – a capital do país – é um grande centro urbano; as entrevistadoras⁴ que foram realizar as gravações encontraram lá um cenário de bastante diversidade, com pessoas de diferentes origens, o que dificultou de certa forma a constituição do corpus do projeto. Ainda que a intenção inicial fosse a de gravar apenas indivíduos nascidos em Maputo, algumas entrevistas foram realizadas com informantes nascidos em outras províncias de Moçambique ou com pelo menos um membro da família natural de alguma delas. Pela ficha de identificação, percebemos que quase todos os entrevistados falam o português e outra(s) língua(s) local(is). Todos os indivíduos gravados são, entretanto, falantes do português – seja como língua materna ou não – e a maior parte declara que o português é sua primeira língua (L1).

A partir da entrevista selecionada, coletamos os trechos de fala que contivessem frases declarativas neutras. Não foram incluídas, portanto, interrogativas, estruturas focalizadas ou topicalizadas, interjeições ou frases imperativas (Santos, 2015; Braga da Silva, 2018). Frases declarativas não-finais constituem o que conhecemos com IPs mediais, ou seja, aqueles sintagmas entoacionais internos ao enunciado fonológico (U), sendo o IP final aquele mais à direita do U, como ilustra o exemplo (1), a seguir, que apresenta também o mapeamento das palavras prosódicas e dos sintagmas fonológicos do enunciado.

- (1)
- ([não)pw vamos)pw negar)pw]Φ que há)pw oportunistas)pw]Φ)IP_{MEDIAL}
- ([porque)pw mesmo)pw antes)pw de haver)pw escassez)pw de produto)pw]Φ)IP_{MEDIAL}
- ([os preços)pw]Φ [já)pw tinham)pw sido)pw especulados)pw]Φ)IP_{MEDIAL}
- ([mas)pw vamos)pw assumir)pw]Φ [que pelo)pw menos)pw já)pw setenta)pw por cento)pw do custo)pw de vida)pw]Φ [está)pw (horrível)w]Φ)IP_{FINAL}

O material de áudio obtido foi segmentado em trechos menores com o auxílio do programa computacional de edição de áudio *Audacity* (versão 2.0.5). A seleção dos trechos de fala espontânea se deu a partir de alguns critérios (Serra, 2009): (i) não deveria pertencer aos 15 primeiros minutos de entrevista; (ii) não deveria conter interferência da entrevistadora; (iii) não deveria conter ruído de fundo; (iv) deveria ser o mais fluente possível, ou seja, conter o mínimo de hesitações (pausas preenchidas, falsos começos (*false starts*), repetições etc); (v) deveria conter o máximo possível de frases sintaticamente completas, ou seja, foram evitadas construções iniciadas e não acabadas; e (vi) deveria constituir uma unidade discursiva, ou seja, tratar de um único tópico conversacional, como vimos em (1).

⁴ O *Corpus Moçambique* foi coletado, em Maputo, pelas pesquisadoras Prof^{as}. Sílvia Rodrigues Vieira (UFRJ) e Karen Cristina da Silva Pissurno (na altura, mestranda do PPG em Letras Vernáculas UFRJ).

Com o objetivo de preparar os dados de fala para a análise, os trechos foram submetidos ao programa computacional de análise de fala *Praat* (Boersma e Weenink, 2012-2017). Por meio deste programa, temos acesso ao espectrograma, à forma de onda e ao contorno da frequência fundamental de cada uma das frases. A partir desses elementos, procedemos à descrição entoacional por meio da identificação e da notação dos eventos tonais associados ao contorno melódico e pudemos também realizar as medidas de duração das pausas. A notação prosódica (configuração tonal nuclear e inicial, e fronteiras de IP) foi feita de acordo com o sistema de notação *P_ToBI* (Frota et al., 2015b). Foram consideradas as pausas silenciosas a partir de 100ms, seguindo Serra (2009, 2010).

Das 100 frases (IPs)⁵ selecionadas para a análise, foram descartadas 20, por conta de ruídos externos, sobreposição de vozes, falha na curva de F0 e outras ocorrências que impossibilitavam a observação do contorno melódico da falante. No programa *Praat*, criamos ‘TextGrids’ com quatro camadas específicas de notações: 1. a de *tons*, na qual são anotados os eventos tonais associados aos contornos entoacionais; 2. a de *ortografia*, na qual é apresentada a transcrição grafemática das frases, segmentando palavras (e por vezes sílabas), como forma de facilitar a notação/alinhamento entoacional, com base no espectrograma, na forma da onda e na oitiva; 3. a de *fronteiras*, na qual são identificadas as fronteiras dos constituintes prosódicos PhP e IP, e 4. a camada *miscelânea*, na qual são realizadas anotações sobre a ocorrência de fenômenos segmentais, de apagamentos, de alongamentos e de pausas preenchidas, entre outros.

A identificação de fronteiras prosódicas no processo de fraseamento se deu com base na percepção e na observação do sinal acústico, levando em conta a presença de pausas, a presença de configuração de um contorno nuclear (acento tonal nuclear + tom de fronteira) expresso pela modulação da frequência fundamental (F0) e/ou retomada (*reset*) da F0, em nível diferente, depois da fronteira (Frota e Vigário, 2007; Serra, 2009, 2016; Fernandes-Svartman et al., a sair).

A notação dos acentos tonais internos a IP e dos eventos tonais relacionados a fronteiras de constituintes prosódicos se deu a partir dos pressupostos teóricos da Fonologia Prosódica e da Fonologia Entoacional (cf. seção 3).

5 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Em relação ao fraseamento prosódico efetivamente realizado na produção da falante, pudemos observar que, nos 80 dados analisados, havia IPs que variavam de 1 a 11 PWs, a concentração dos dados sendo de 33,7% (27/80) para IPs com entre 1 e 2 PWs e de 66,3% (53/80) para IPs com mais de 3 PWs, como no exemplo (2), a seguir.

(2) ([mas a questão)pw da precariedade)pw]Φ [de serviços)pw prestados)pw]Φ [já)pw é)pw]Φ [de a:lgum)pw tempo)pw]Φ)IP

⁵ Até o momento, os dados foram transcritos entoacionalmente por apenas uma pesquisadora, uma das autoras deste artigo. Serão submetidos a uma segunda notação, por outro transcritor e, em caso de discordância, a um terceiro transcritor.

5.1 A porção inicial e final dos IPs: panorama geral

Para a observação mais detida da organização melódica das frases da amostra na porção inicial dos IPs, isolamos aqueles constituídos por apenas 1 PW ([NÃO]IP, por exemplo), por conta de, nesses casos, o acento tonal que ali ocorre dar conta da melodia final/nuclear da frase. Os IPs com 2 PWs em que a primeira delas era um monossílabo tônico e a segunda começava também por sílaba tônica ([NÃO]_{PW} 'Tenho')_{PW}]IP, por exemplo) também não foram considerados, em razão de o choque de acento de palavras ter prejudicado, em todos esses casos, a observação da ocorrência do contorno pré-nuclear. Além desses dados, também foi excluído da análise um outro, em que no início do IP ocorreu uma falha na curva de F0 (*creaky voice*) que impossibilitou a notação fonológica. Com isso, excluídos 19 dados, ficamos com 61 a serem analisados em relação ao tipo de acento tonal incidindo sobre a porção inicial do IP, ou seja, sobre a primeira PW.

O que notamos na Tabela 1, abaixo, é que o acento bitonal L+H* é o que ocorre na grande maioria dos dados, alcançando um percentual de 90,2%.

Tabela 1 - Tipos de acentos tonais no início do IP

<i>Acento inicial de IP</i>	<i>Oco./total</i>	<i>%</i>
L+H*	55/61	90,2%
H*	4/61	6,6%
H+L*	1/61	1,6%
H*+L	1/61	1,6%

No que diz respeito ao contorno final das frases, ou seja, aos contornos nucleares que incidem sobre a última palavra prosódica, mais propriamente sobre sua sílaba tônica, considerando conjuntamente IPs mediais e finais, obtivemos a distribuição exposta na Tabela 2, abaixo. Vemos que, no geral, prevalece o contorno descendente final, capturado pela notação fonológica H+L*L% (41,25%).

Tabela 2 - Tipos de contornos nucleares (IPs mediais + IPs finais)

<i>Contorno nuclear</i>	<i>Oco./total</i>	<i>%</i>
H+L*L%	33/80	41,25
L+H*H%	16/80	20%
L*L%	10/80	12,5%
H*+LL%	10/80	12,5%
L*+HH%	3/80	3,75%
L+H*L%	3/80	3,75%
H*L%	2/80	2,5%
L*H%	1/80	1,25%
L*LH%	1/80	1,25%

Sabendo que o comportamento melódico final de IPs mediais e finais é potencialmente diferenciado, analisamos separadamente cada um deles, na subseção seguinte.

5.2 Comportamento prosódico de IPs mediais e finais

A primeira observação a ser feita a partir da leitura das Tabelas 3 e 4, a seguir, é a de que houve uma variação maior de tipos de eventos tonais nucleares em IPs mediais em comparação com os de IPs finais: 10 e 5, respectivamente. Essa maior variação pode se dever às diferenças no número de dados, pois enquanto foram contabilizados 20 IPs finais, houve o triplo de IPs mediais (60 dados). Ou, alternativamente e mais provavelmente, ao fato de o contorno melódico final ser o mais proeminente do enunciado, e o que contém, em frases neutras, a informação mais relevante, do ponto de vista prosódico, indicando a diferença entre declarativas e interrogativas, por exemplo, no âmbito da entoação modal. Dessa forma, é mais esperado que o contorno de IPs finais varie menos, sendo mais estável⁶. Com a ampliação da amostra, poderemos constatar se essa maior variação de contornos melódicos em IPs internos se confirma, indicando uma característica desse contexto prosódico.

Podemos observar também que H+L*L% é o contorno mais frequente em IPs finais, 60% (Tabela 4 e Figura 1). Em IPs mediais, esse contorno ocorre em 35% dos dados, seguido pelo L+H*H%, com 25% (Tabela 3 e Figura 2). Fizemos ainda, para cada contexto prosódico, o agrupamento de contornos descendentes/baixos, de um lado, e o agrupamento de contornos ascendentes, de outro. Com isso, em IPs finais, temos uma frequência de 95% de contornos do primeiro tipo (vs. 5% de contornos ascendentes – 1 dado) e de 60% vs. 33,34%, respectivamente, em IPs mediais. Os 6,66% restantes de IPs mediais foram realizados com contorno nuclear ascendente-descendente (L+H*L%, 3 dados; L*+HHL%, 1 dado). Há uma grande prevalência, portanto, de contornos descendentes, em IPs finais, e uma ocorrência um pouco menos expressiva, embora ainda predominante, desse tipo de contorno nuclear, em contexto interno.

⁶ Agradecemos a Marisa Cruz (LabFon/FL/Universidade de Lisboa), pelos importantes comentários e contribuições dados a esta análise.

Tabela 3 - Tipos de contornos nucleares e distribuição percentual em IPs mediais

<i>Contorno nuclear – IP medial</i>	<i>Oco./total</i>	<i>%</i>	<i>Contornos nucleares agrupados</i>	<i>%</i>
H+L*L% ⁰	21/60	35%	H+L*L% ⁰	60%
L+H*H% ⁰	15/60	25%	H*+LL% ⁰	
H*+LL% ⁰	9/60	15%	L*L% ⁰	
L*L% ⁰	5/60	8,33%	H*L% ⁰	
L*+HH% ⁰	3/60	5%		
L+H*L% ⁰	3/60	5%		
H*L% ⁰	1/60	1,67%	L+H*H% ⁰	33,34%
L*+HHL% ⁰	1/60	1,67%	L*+HH% ⁰	
L*H% ⁰	1/60	1,67%	L*H% ⁰	
L*LH% ⁰	1/60	1,67%	L*LH% ⁰	

Tabela 4 - Tipos de contornos nucleares e distribuição percentual em IPs finais

<i>Contorno nuclear – IP final</i>	<i>Oco./total</i>	<i>%</i>	<i>Contornos nucleares agrupados</i>	<i>%</i>
H+L*L% ⁰	12/20	60%	H+L*L% ⁰	95%
L*L% ⁰	5/20	25%	L*L% ⁰	
H*+LL% ⁰	1/20	5%	H*+LL% ⁰	
H*L% ⁰	1/20	5%	H*L% ⁰	
L+H*H% ⁰	1/20	5%	L+H*H% ⁰	5%

Realizamos ainda um cruzamento entre o tipo de acento tonal inicial e o contorno nuclear mais frequentes – L+H*_H+L*L%⁰ – e obtivemos um percentual de 32,5% dos IPs com essa configuração melódica (26/80 dados). Se considerarmos somente os IPs finais, essa configuração melódica acontece em 60% dos dados (12/20) – Figura 1.

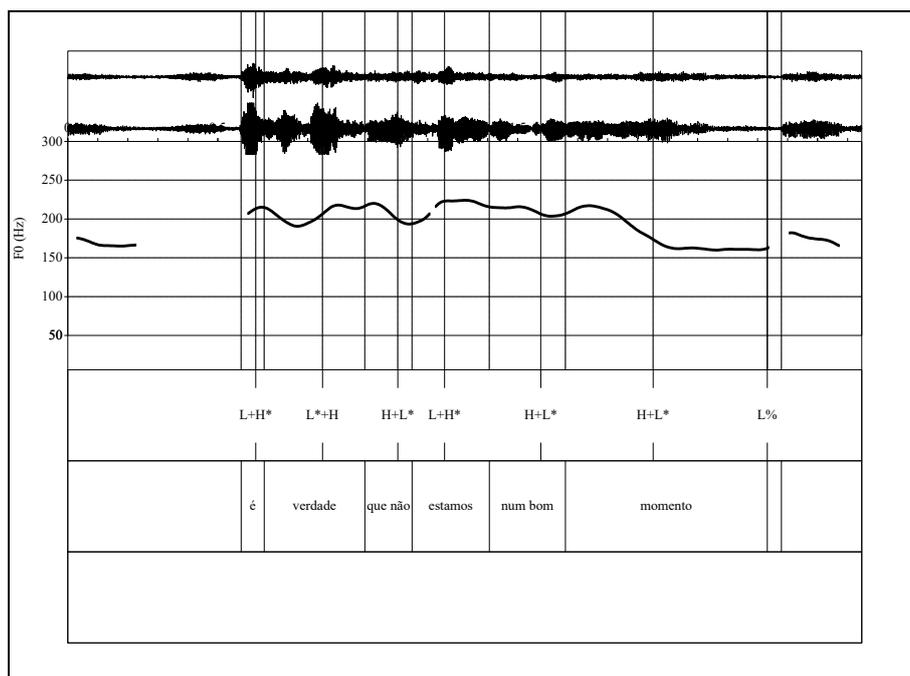


Figura 1 - Contorno inicial L+H* e contorno nuclear H+L*L% em IP final – *é verdade que não estamos num bom momento* (PM)

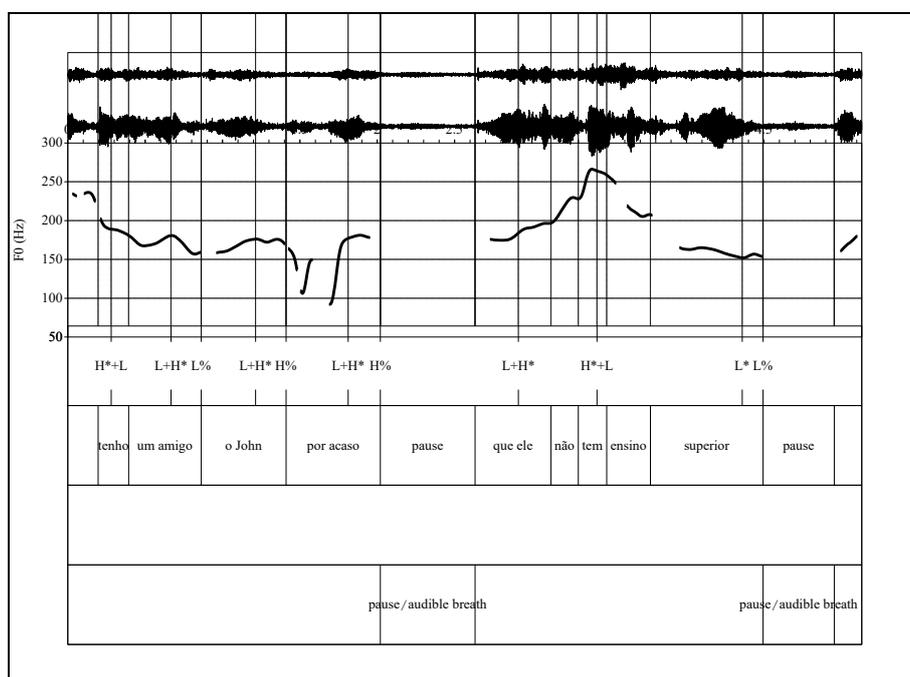


Figura 2 - Contorno nuclear L+H*H% em IP mediais (com e sem pausa) e L*L% em IP final (com pausa) – *tenho um amigo, o John, por acaso, que ele não tem ensino superior* (PM)

FLP20(esp)

5.2.1 O papel da pausa no fraseamento prosódico

Outra pista prosódica/acústica importante para a realização do fraseamento prosódico é a ocorrência da pausa. Nos nossos dados, ela esteve presente em 71,25% das fronteiras de IP (Tabela 5). Considerando separadamente os contextos de IP medial e final, temos que 68,3% dos IPs mediais são seguidos por pausa (41/60 dados) e 80% dos IPs finais são acompanhados pela pista acústica (16/20 dados) – Figura 3.

Tabela 5 - Ocorrência e duração da pausa em fronteira de IP

Ocorrência de pausas	Oco./total	%
Sem pausas	23/80	28,75%
Com pausas	57/80	71,25%
Média de duração das pausas	0,355s	

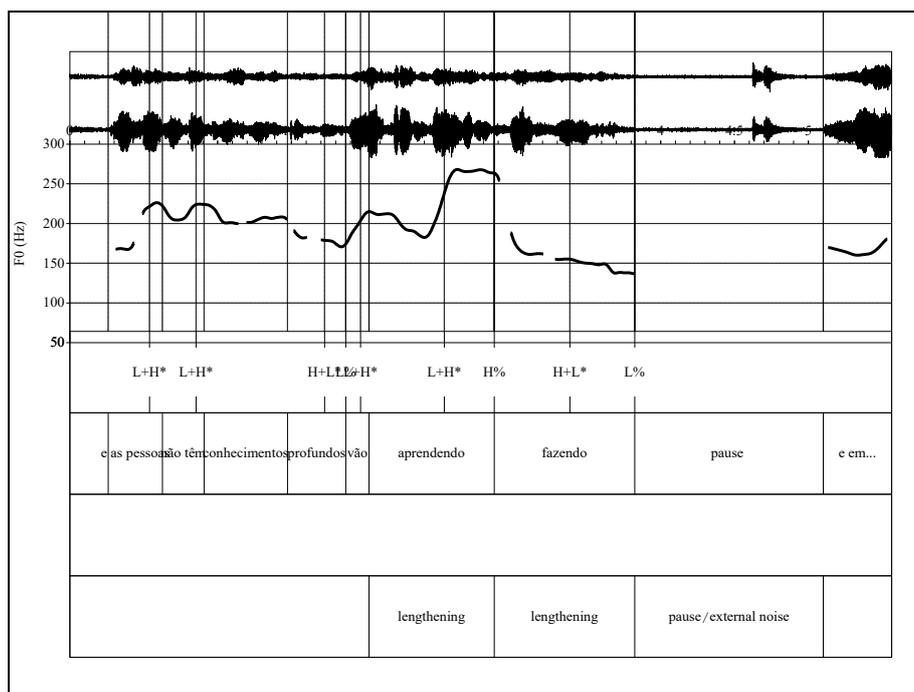


Figura 3 - Contorno nuclear L+H*H% no 2º IP medial (sem pausa) e H+L*L% em IP final (com pausa) – *e as pessoas não têm conhecimentos profundos; vão aprendendo, fazendo* (PM)

Devido à quantidade reduzida de dados ainda não foi possível estabelecer uma tipologia das pausas e um possível escalonamento da sua duração a depender do contexto (interno ou final de U). Em pesquisa futura, essa pista acústica tão importante para a produção e percepção do fraseamento prosódico (v., entre muitos outros, Tenani, 2002; Serra, 2009, 2010) será estudada com maior detalhe, a fim de verificar se a duração média das pausas em posição medial é menor do que em

posição final. Esses dados acústicos permitirão uma categorização mais fina dos domínios prosódicos de IP e U⁷.

A descrição dos resultados é complementada, por fim, pela observação da ocorrência de acentos tonais por palavra prosódica nos IPs constitutivos da amostra.

5.2.2 Observações sobre a densidade tonal

Relativamente à distribuição de acentos tonais em um sintagma entoacional, ou seja, à densidade tonal dos IPs, obtivemos um percentual de 43,2% (70/162) de presença de acento tonal incidindo sobre as tônicas de palavras prosódicas em posição interna a IP, nos dados de fala espontânea da informante (Figura 4).

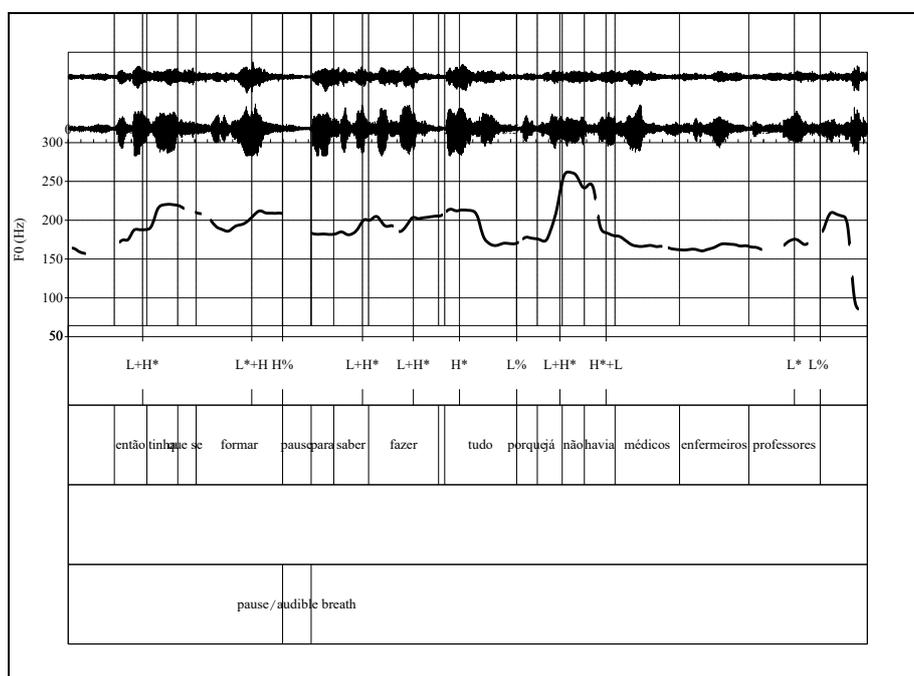


Figura 4 – Das 7 PWs internas aos 3 IPs, 2 receberam acentos tonais – *então tinha que se formar para saber fazer tudo, porque já não havia médicos, enfermeiros, professores* (PM)

A discussão dos achados apresentados aqui é complementada pela comparação com os aspectos de fraseamento prosódico e densidade tonal de outras variedades do português, realizada na seção 6, o que nos ajudará a enquadrar, ainda que muito preliminarmente, o português moçambicano no cenário das demais variedades do português.

⁷ Nossos agradecimentos a Marisa Cruz pelas observações.

6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E COTEJO COM OUTRAS VARIEDADES DO PORTUGUÊS

Os resultados descritos até agora relativamente às características melódicas da fala da informante moçambicana convergem, em parte, com os constantes na literatura sobre outras variedades e variantes do português.

Cunha (2000), Frota e Vigário (2000) e Tenani (2002) foram as primeiras autoras a analisar o contorno entoacional de declarativas neutras no PB (dialetos carioca e baiano, no primeiro estudo, e paulista, nos dois últimos), utilizando o modelo da Fonologia Entoacional AM. Nos três estudos, as autoras atestam a existência de um padrão assertivo neutro final e outro padrão assertivo neutro não-final – o padrão chamado continuativo. O primeiro é comumente caracterizado por elas e outros autores por uma altura melódica média na parte inicial e medial do enunciado seguida de uma queda da frequência fundamental (F0) na última sílaba tônica (Moraes, 2008).

A notação fonológica proposta pelos autores supracitados é L+H* (ou L*+H) para o acento pré-nuclear (acento associado à primeira sílaba tônica da frase) e H+L*L% para o acento nuclear (acento associado à última palavra prosódica da frase). Essa configuração melódica de declarativas neutras foi sendo atestada em muitos trabalhos posteriores sobre o português do Brasil (Fernandes, 2007; Serra, 2009, 2016; Frota et al., 2015b; entre muitos outros), mas, à medida que vão se intensificando as pesquisas sobre prosódia regional, vai se configurando um quadro bastante diverso entre as regiões brasileiras, pela manifestação de outras configurações predominantes: H*_H+L*L%, a mais frequente no Norte e Nordeste; L+H*_H+H*L%, na região Sul do Brasil; a configuração melódica mencionada acima (L+H*_H+L*L%) se circunscrevendo apenas às regiões Sudeste e Centro-Oeste do país (Silvestre, 2012; Carta F07 P1 do ALiB, Cardoso et al., 2014; Castelo, 2016). Os materiais utilizados nesses estudos de prosódia regional são de fala semiespontânea (elicitada através de imagens e/ou contextos linguísticos apresentados ao falante previamente à produção).

Na amostra de fala espontânea que analisamos neste artigo, como vimos, temos a predominância da configuração melódica L+H*_H+L*L% em IPs finais (60%). A quantidade reduzida de dados (20) não permite, entretanto, qualquer generalização, apenas a verificação de uma possível tendência na fala dessa informante moçambicana. De toda forma, essa tendência vai em direção ao que se encontra em alguns falares do PB.

No que se refere ao contorno não-final, Serra (2009, 2016), com base em dados (falar carioca) de fala espontânea e de leitura (de trechos maiores transcritos de fala espontânea), encontra como características do contorno continuativo/suspensivo as configurações tonais L+H* H%, L*+H H% e H+L* H%. Como a autora não fez em sua análise a distinção entre IPs mediais e finais, não pudemos capturar ali o que era mais representativo de cada um dos contextos. Mas, relativamente à fala espontânea, há, no geral, um predomínio do contorno nuclear H+L*+L%, seguido de perto pelas configurações mencionadas acima.

Parece que nem sempre é o contorno melódico continuativo que ocorre no núcleo de IPs mediais (cf. Silvestre, neste mesmo volume, para o PB, dados experimentais). Também nos dados da falante de Moçambique houve grande

variação de configurações melódicas nucleares, principalmente em IPs mediais, mas os contornos nucleares ascendentes também foram menos frequentes ali (33,34%, Tabela 3). Se pudermos estabelecer uma relação entre contornos ascendentes (continuativos) e a presença/ausência de pausa, como propõe Silvestre (neste volume), talvez capturemos a distribuição complementar de duas pistas prosódicas, a direção do contorno – ascendente – e a presença de pausa, em IPs mediais: vimos que, nos nossos dados, 68,3% dos IPs mediais são seguidos por pausa (41/60 dados) e 80% dos IPs finais são acompanhados pela pista acústica (16/20 dados). Em outras palavras, poderíamos dizer que a pausa é uma pista forte de fronteira de IP e, na sua ausência, a subida melódica (sozinha) é o que garante a leitura não-final nos IPs mediais. Os dados de Silvestre para o PB são de leitura de frases (com estruturas sintáticas controladas) e os nossos, de fala espontânea, são reduzidos, mas parece que a hipótese da autora merece ser investigada de forma sistemática.

No corpus de Serra (2009), a presença de pausa se revelou uma importante pista para a percepção do fraseamento prosódico nos dois estilos de fala: em cerca de 96% das fronteiras de IP percebidas no corpus lido e 88% em fala espontânea foi verificada a presença de pausa. Além disso, a duração das pausas foi relativamente maior nos dados de fala espontânea, o que estaria relacionado com a maior demanda de tempo de processamento e produção exigida na fala espontânea em relação à leitura. Como dissemos anteriormente, é um objetivo nosso, em pesquisa futura, estabelecer uma tipologia das pausas e um possível escalonamento da sua duração a depender do contexto (interno ou final de U), capturando a função dessa pista acústica na identificação dos domínios prosódicos mais altos, na variedade por nós investigada.

Os primeiros estudos realizados sobre a estrutura entoacional do PE revelam que o contorno entoacional das declarativas neutras na fala de indivíduos de Lisboa é caracterizado por uma subida inicial, um platô intermediário e uma descida final pronunciada (Frota, 2000, i.a.). A partir da observação de dados de leitura de frases por falantes lisboetas, Frota (2003) afirma que o contorno declarativo no PE consiste em um tom H inicial, realizado na proximidade da primeira sílaba tônica e uma sequência HL final, na qual o L é atingido na última vogal tônica (H*_H+L*L%). Relativamente ao falar de Braga (dialeto do Norte de Portugal, Baixo Minho), o trabalho de Vigário e Frota (2003), também com leitura de frases, traz o contorno nuclear L* L% como o mais frequente na região, revelando a necessidade de observação da distribuição regional das melodias. No que se refere ao contorno continuativo, as autoras também observam diferenças: em Lisboa, é mais frequente a configuração L*+H H%; e, em Braga, L* H%. Mais duas variedades do PE são descritas por Cruz (2013): a alentejana – falada na região de Castro Verde – e a algarvia – falada na região de Albufeira (dialetos centro-meridionais). A autora encontra a configuração tonal nuclear H+L* L% para as declarativas neutras (IPs finais) em ambas as regiões, embora em Castro Verde (Alentejo) também ocorra bastante L* L%. Seus dados são provenientes de diferentes tipos de tarefas: leitura, *discourse completion task*, *map task*⁸.

⁸ Para uma visão geral sobre a entoação de variados tipos frásicos em oito falares diferentes do português do Brasil e de Portugal, com base em tipos de *corpora* diversos, recomendamos a leitura de Frota et al. (2015a). Para uma observação dos contornos melódicos de declarativas neutras mais

Voltando os olhos para as variedades africanas, em trabalho recente, Santos (2015) analisa a prosódia das declarativas neutras no Português da Guiné-Bissau (PGB), a partir de *corpora* que derivam de fala controlada (leitura de frases) e também de fala espontânea. A respeito dos contornos nucleares de IPs mediais, no *corpus* de fala espontânea, o autor encontrou as seguintes configurações principais: H+L* L% (31,5%), L*+H H% (27,8%) e L* LH% (13%). Em IPs finais, os contornos nucleares mais frequentes foram os mesmos, mas com distribuição percentual um pouco diferente: 58,5%, 18,3% e 11,6%, respectivamente. O autor destaca que essas configurações tonais que são possíveis tanto em IPs finais quanto em IPs mediais, em fala espontânea, diferem dos seus resultados para a fala controlada, visto que, neste tipo de tarefa, os percentuais de L*+H H% (29,8%) e L* LH% (37,5%) são bem superiores ao encontrado para H+L* L% (1,9%), em IPs mediais. Por outro lado, em IPs finais, os contornos nucleares mais frequentes na leitura são os descendentes/baixos: H+L* L% (52,5%), L* L% (44,3%), H*+L L% (3%) *vs* L* LH% (0,2%). Percebemos então que, no PGB, há diferentes comportamentos a depender do estilo de fala e que, em comparação com as outras variedades do português exploradas até agora e mesmo com os nossos resultados para o PM, há também uma distribuição percentual e de tipos de melodias nucleares diferentes (cf. Tabelas 3 e 4). Vemos então que, na fala espontânea, tanto no português da Guiné-Bissau quanto na nossa amostra do português de Moçambique predomina o contorno descendente também em IPs mediais.

Santos (em preparação) avança na descrição entoacional de variedades africanas, desta vez, com a observação de dados do português de Angola (Libolo). Com base em uma tarefa de *Discourse Completion Test* (fala semiespontânea, produzida a partir de elicitación), a análise preliminar do autor refere uma variação de alinhamento dos tons que formam a descida melódica nas sílabas tônicas da porção nuclear da frase (H+L* L% ou H*+L L%), de forma que o autor prefere, na fase inicial do seu estudo, representar o contorno nuclear de IPs finais como H+L L%, sem a especificação sobre o alinhamento dos tons baixo e alto relativamente à tônica final. Vemos, entretanto, que o que predomina nos dados do autor é o contorno descendente para os IPs finais, como em muitas outras variedades e variantes do português, inclusive nos nossos dados do PM.

Para o português de São Tomé (PST), Braga da Silva (2018) encontra, em fala espontânea, o seguinte em termos de acentos tonais iniciais de IP: L*+H (60,4%) e H* (13,2%). Em nossos dados, o alinhamento do pico melódico com a tônica inicial é mais compatível com a notação L+H*, configuração predominante na amostra (90,2%), sendo encontrado o tom alto associado a essa sílaba em somente 6,6% na fala da nossa informante moçambicana (Tabela 1). Braga da Silva analisou uma quantidade maior de dados (106) e encontrou também uma variabilidade maior de acentos tonais nesse primeiro pré-núcleo (9).

No que diz respeito ao acento tonal dos núcleos em IPs mediais, a autora registra as duas configurações que têm sido verificadas como as mais frequentes nas demais variedades: L*+H (41,7%) e H+L* (33,3%) – 58,3% de fronteira alta (H%) e 41,7% de fronteira baixa (L%), mas o número de dados de IPs mediais da autora

comuns em 25 capitais brasileiras, confira o trabalho de Silvestre (2012) e a Carta F07 P1, do ALiB, em Cardoso et al. (2014).

também é reduzido (12). Para os IPs finais (40 dados), a autora encontra 67,5% de (!)H+L* e 25% de L* – sempre associados à fronteira baixa (L%); já em fala controlada, com um número maior de dados, L* ocorre em 74,9% dos IPs finais, enquanto H+L* aparece em 24,8% dos dados. A autora comenta que o número pequeno de dados de fala espontânea não lhe permitiu fazer afirmações categóricas sobre a preferência de acento tonal nuclear nesse estilo de fala. Em nossa amostra de fala espontânea do PM, o contorno nuclear L* L% ocorre em percentual semelhante ao de Braga da Silva no mesmo estilo de fala e no mesmo contexto de IP final (25%, Tabela 4 e Figura 4).

Passando para o comentário da distribuição de acentos tonais internos aos IPs, a primeira observação a ser feita é a de que se trata de um fenômeno que apresenta grande variação entre variedades do português e até mesmo entre falares regionais de uma mesma variedade.

O primeiro trabalho a investigar a densidade tonal em variedades do português é o de Frota e Vigário (2000), com base em dados de leitura de frases, por falantes paulistas (PB) e lisboetas (PE). As autoras atestam que os IPs produzidos por falantes do PB apresentam alta densidade tonal, enquanto os dados do PE apresentam distribuição esparsa de acentos tonais. As autoras fazem referência à atribuição de tom aos elementos cabeça de PhPs, mas todos os PhPs nos IPs do seu corpus são constituídos por uma PW, de forma que seus resultados podem ser comparados com os nossos. Levando em conta todos os PhPs que compunham os IPs, foi verificado que, no PB, 94% (do total de 80 dados) deles são assinalados com ao menos um acento tonal, ou seja, “é uma das propriedades deste domínio prosódico no PB a presença de um acento tonal no seu elemento mais proeminente” (Frota e Vigário, 2000: 12). Enquanto isso, no PE, apenas 79% (do total de 80 dados) dos PhPs são assinalados com acento tonal. Desconsiderando os PhPs em posição inicial e final de IP, nos quais há a incidência obrigatória de um evento tonal, os resultados de presença de acento tonal são de 80%, no PB, e apenas 27%, no PE.

Os estudos subsequentes de Tenani (2002), Fernandes (2007) e Fernandes-Svartman (2012), a respeito do falar paulista (PB), confirmam que as sentenças declarativas neutras apresentam uma densidade tonal alta se comparadas às declarativas não-neutras (focalizadas, por exemplo), demonstrando que a densidade tonal também pode variar a depender do tipo frásico/pragmático da frase (Frota et al., 2015a).

Para o português de Guiné-Bissau, em corpus de fala espontânea, os resultados de Santos (2015) apontam igualmente para uma alta densidade tonal nas declarativas neutras (85,4%, do total de 1216 dados). Em fala controlada (leitura), a ocorrência de acentos tonais em PWs internas a IP chega a 94,7% do total de dados (1920). O autor conclui que, devido à alta frequência de atribuição de acentos tonais a palavras fonológicas – sendo elas ou não cabeça de sintagma fonológico – é possível afirmar que a palavra fonológica é o domínio relevante para a associação de acentos tonais nas declarativas neutras do PGB.

No português falado em Libolo (Angola), em tarefa de *Discourse Completion Test* (fala semiespontânea, produzida a partir de elicitación), Santos (em preparação) encontra em 100% dos seus dados de declarativas neutras a ocorrência de acentos tonais em PWs internas; o número de dados da sua amostra ainda é reduzido (51).

Braga da Silva (2018), para o português de São Tomé, registra 76,3% (do total de 207 dados) de associação tonal a PWs internas, em fala espontânea, e 100% (do total de 1379 dados), em fala controlada (leitura).

Na fala espontânea da nossa informante moçambicana, chegamos a um percentual de 43,2% (70/162) de presença de acento tonal incidindo sobre PWs em posição interna de IP, o menor índice entre as variedades africanas estudadas até o momento e também, consideradas as demais variantes regionais do PB e do PE, o segundo menor índice, ficando o PM atrás somente do SEP, falar de Lisboa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste estudo piloto, temos plena consciência de que estamos bem no começo... Contudo, seus resultados fornecem alguns elementos para o entendimento da gramática prosódica/entoacional do português, no seu conjunto de variedades e variantes regionais. Tomando como base a pequena amostra estudada, não podemos dizer que o PM apresenta indícios de uma gramática entoacional, em termos de fraseamento prosódico e de densidade tonal, com características próprias em relação a outras variedades do português. Antes, essa variedade revela compartilhar características presentes ora em outras variedades africanas, ora presentes em falares do PB, ora presentes nos falares do PE, parecendo haver, na verdade, uma distribuição percentual variável de aspectos comuns, mas gradientes, entre as variedades. Nós, estudiosos da prosódia, estamos no caminho para a configuração de um quadro mais claro de como se comportam *os falares em português*, e não podemos perder de vista, como dissemos no começo, que o português sofreu e sofre influências externas as mais diversas, em cada localidade em que é falado.

A descrição de qualquer aspecto da variedade moçambicana do português, ainda mais daqueles relativos à fala (espontânea), deve considerar o que se tem registrado na literatura: só na primeira metade do século XX se implementou, de fato, um projeto de colonização maciça de Moçambique, incluindo a difusão do português, estabelecido como língua oficial após a independência do país (25 de junho de 1975), a qual foi produto de uma guerra de aproximadamente 10 anos.

O português é a língua de prestígio, institucionalmente constituída, mas não é língua majoritária. Se, nos centros urbanos, há um avanço gradativo e recente de utilização do português, principalmente como L2 e entre os mais jovens, na vida rural, as línguas autóctones (línguas maternas Banto), mesmo estigmatizadas, continuam sendo as mais faladas, com o português se constituindo como língua estrangeira para essas populações. O português de/em Moçambique é, portanto, uma variedade nova do português, que permite a seus falantes ascensão social nos centros urbanos, e deve ser estudado no contexto de ter o português europeu como alvo.

As comparações realizadas em nosso estudo e em outros referidos aqui são uma tentativa de trazer elementos para pensar o processo de implementação e caracterização do português em diversas regiões do mundo, o que gerou, em cada uma delas, feições tão próprias. A descrição linguística não pode prescindir de uma descrição da situação socio-histórica das comunidades linguísticas, levando em conta os contatos que se processam e se processaram, em cada uma das variedades, e que impactam o modo de falar de africanos, brasileiros e europeus. Esse é o nosso desafio...

REFERÊNCIAS

- Balduino A. A nasalidade no português de STP. [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2018.
- Balduino A, Bandeira M, Freitas S. Os processos de elisão e degeminação no português de São Tomé e Príncipe. *Filologia e Linguística Portuguesa*. 2017;19(1):163-197.
- Barros N. Fraseamento prosódico em Português: uma análise entoacional de construções parentéticas e tópicos em duas variedades do Português Europeu. [dissertação]. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; 2014.
- Beckman M, Pierrehumbert J. Intonational structure in Japanese and English. *Phonology year book*. 1986;3:255–309.
- Boersma P, Weenink D. Praat: doing phonetics by computer. [programa computacional]. Versões entre 2012-2017. [citado 19 out. 2015]. Disponível em <http://www.praat.org>.
- Bouchard M. Linguistic variation and change in the Portuguese of São Tomé. [tese]. Nova Iorque: Department of Linguistics, New York University; 2017.
- Braga da Silva G. Prosódia do português de São Tomé: o contorno entoacional das sentenças declarativas neutras. [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2018.
- Brandão SF, et al. Róticos na variedade urbana do Português de São Tomé. *Papia Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*. 2017;27(2):293-315.
- Brandão SF, et al. Apagamento de r em coda externa em duas variedades africanas do português. *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*. A sair;20(esp).
- Brandão SF, Paula A. Róticos nas Variedades Urbanas Santomense e Moçambicana do Português. In: Brandão SF, organizadora. *Dois Variedades Africanas do Português: Variáveis Fonético-Fonológicas e Morfosintáticas*. São Paulo: Blucher; 2018. p. 93 -118.
- Cardoso S, et al. Atlas linguístico do Brasil. Cartas linguísticas 1. Vol. 2. Londrina: EDUEL; 2014.
- Carrasco A. Subsídios para a norma do Português falado em Angola. [tese de licenciatura]. Lubango: Instituto Superior de Ciências da Educação, Universidade Agostinho Neto; 1988.
- Castelo J. Entoação dos enunciados declarativos e interrogativas no português do Brasil: uma análise fonológica ao longo da costa atlântica. [tese]. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; 2016.
- Christofoletti A. Ditongos no português vernacular de São Tomé e Príncipe. [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2013.
- Cruz M. Prosodic variation in European Portuguese: phrasing, intonation and rhythm in central-southern varieties. [tese]. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; 2013.
- Cunha CS. Entoação Regional no Português do Brasil. [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2000.
- Fernandes FR. Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia. [tese]. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2007.
- Fernandes-Svartman FR. A entoação das sentenças clivadas em português brasileiro e a interface sintaxe-fonologia. *Filologia e Linguística Portuguesa*. 2012;14(2):37-56.

Fernandes-Svartman F, et al. Intonational phrasing and nuclear configurations of SVO sentences across varieties of Portuguese. In: Cruz M, Oliveira P, Frota S, editores. *Prosodic variation (with)in languages: Intonation, phrasing and segments*. Sheffield: Equinox Publishing; a sair.

Frota S. *Prosody and focus in European Portuguese: phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing; 2000.

Frota S. The phonological status of initial peaks in European Portuguese. *Catalan Journal of Linguistics*. 2003;2:133-152.

Frota S, et al. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In: Frota S, Prieto P, editores. *Intonation in Romance*. Oxford: Oxford University Press; 2015[a]. p. 235-283.

Frota S, et al. P-ToBI: tools for the transcription of Portuguese prosody. [internet]. Lisboa: Laboratório de Fonética, CLUL/FLUL; 2015[b]. [citado 02 jan. 2016]. Disponível em <http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI>.

Frota S, Vigário M. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: Castro RV, Barbosa P, editoras. *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Vol.1. Coimbra: APL; 2000. p. 533-555.

Frota S, Vigário M. Intonational phrasing in two varieties of European Portuguese. In: Riad T, Gussenhoven C, editores. *Tones and Tunes*. Vol. 1. Berlim: Mouton de Gruyter; 2007. p.263-289.

Gonçalves P. *A gênese do Português de Moçambique*. Lisboa: INCM; 2010.

Gonçalves P, Chimbutane FS, organizadores. *Multilinguismo e Multiculturalismo em Moçambique: em direção a uma coerência entre discurso e prática*. Moçambique: Alcance Editores; 2015.

Ladd DR. *Intonational Phonology*. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press; 2008.

Moraes JA. Melodic contours of yes/no questions in Brazilian Portuguese. *Proceedings of ISCA Tutorial and Research Workshop on Experimental Linguistics*. Athens; 2006. p.28-30.

Moraes JA. The pitch accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis. *Speech Prosody 2008, Proceedings of the Fourth International Conference*. Campinas, Brazil. May 6-9; 2018. p. 389-398.

Nascimento F. *O sistema vocálico do português de São Tomé e o comportamento das vogais médias em contexto pretônico*. [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; 2018.

Nespor M, Vogel I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris; 1986.

Nespor M, Vogel I. *Prosodic Phonology: with a new foreword*. Walter de Gruyter GmbH, Berlim; 2007.

Ngunga A. Interferências de Línguas Moçambicanas em Português falado em Moçambique. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane Série Letras e Ciências Sociais*. 2012;1(0):7-20.

Pierrehumbert J. *The phonology and phonetics of English intonation*. [tese]. Cambridge, Massachusetts: Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology; 1980.

Pissurno KCS. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural na variedade moçambicana do português: uma abordagem sociolinguística*. [dissertação]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2017.

Santos EF, Silveira A. Análise preliminar da palavra prosódica no português vernacular de São Tomé e Príncipe e no português falado em Angola. PAPIA: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico. 2012;22(1):77-89.

Santos VG. Aspectos prosódicos do português de Guiné-Bissau: a entoação do contorno neutro. [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2015.

Santos VG. Aspectos prosódicos do português do Libolo, Angola: entoação e fraseamento. [tese]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; em preparação.

Sassuco DP. Pistas essenciais para um Português de Angola. In: Leite IB e Severo CG, organizadoras. Kadila: culturas e ambientes: diálogos Brasil-Angola. [livro eletrônico]. São Paulo: Blucher; 2016. p. 199-218

Selkirk E. Phonology and syntax: the relation between sound and structure. Cambridge: MIT Press; 1984.

Selkirk E. On derived domains in sentence phonology. Phonology Yearbook. 1986;3:371-405.

Serra CR. Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura. [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2009.

Serra CR. Fraseamento prosódico e percepção no português do Brasil: para o estudo dos estilos de fala. Sitientibus. 2010;jan-jul(42):33-58.

Serra CR. A interface prosódia-sintaxe e o fraseamento prosódico no português do Brasil. Joss Journal of Speech Science. 2016;5(2):47:86

Serra C, Callou D. Prosodic structure, prominence and /r/-deletion in final coda position: Brazilian Portuguese and European Portuguese contrasted. In: De Dominicis A, editor. pSprominenceS: Prominences in Linguistics, Proceedings of the International Conference. Department of Human Sciences and Tourism. University of Tuscia. Disucom Press, Viterbo, Italy; 2015.

Silveira AC. Ditongos no Português de São Tomé e Príncipe. [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2013.

Silvestre APS. A entoação regional dos enunciados assertivos nos falares das capitais brasileiras. [dissertação]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2012.

Tenani LE. Domínios prosódicos do português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. [tese]. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2002.

Tenani LE. Segmentações não convencionais e teorias fonológicas. Letras de hoje. 2004;39(3):233-244.

Truckenbrodt H. On the relation between syntactic phrases and phonological phrases. Linguistic Inquiry. 1999;30(2):219-255.

Undolo M. A Norma do Português em Angola: subsídios para o seu estudo. Caxito: ESP-Bengo; 2016.

Undolo M. Caracterização do sistema vocálico do português culto falado em Angola. Revista de Filología Románica. 2014;31(2):181-187.

Vigário M. Prosody and sentence disambiguation in European Portuguese. Catalan Journal of Linguistics. 2003;2:249-278.

Vigário M. O lugar do grupo clítico e da palavra prosódica composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. In: Lobo M, Coutinho MA, organizadores.. XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística: textos Seleccionados. Lisboa: Colibri Artes Gráficas; 2007. p. 673-688.

Vigário M. Prosodic structure between the prosodic word and the phonological phrase: recursive nodes or an independent domain? *The Linguistic Review*. 2010;27(4):485:530.

Vigário M, Fernandes-Svartman F. A atribuição tonal em compostos no Português do Brasil. In: Brito AM, Silva F, Veloso J, Fiéis A, editores. XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística: textos seleccionados. Porto: Associação Portuguesa de Linguística; 2010. p. 769-786.

Vigário M, Frota S. The intonation of Standard and Northern European Portuguese: a comparative intonational phonology approach. *Journal of Portuguese Linguistics*. 2003;2(2):115-137.

FONTES

Instituto Nacional de Estatística de Moçambique. www.ine.gov.mz

Projeto Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português (UFRJ). www.concordancia.lettras.ufrj.br

FLP20(esp)